



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER EM UMA ÍNDIA MULTICULTURAL UM PERCURSO HISTÓRICO

Carla Cristiane de Oliveira Marson*
(UESB)

RESUMO

O presente artigo se propõe a analisar a posição social da mulher indiana por meio de uma retrospectiva histórica desde a formação da civilização hindu até o período medieval a fim de compreender de que modo as diferentes influências culturais, políticas e religiosas provocaram mudanças na imagem e nas condições de vida das mulheres da Índia védica e hinduísta.

PALAVRAS-CHAVE: História da Ásia, Mulheres, Trânsitos Culturais

INTRODUÇÃO

A condição da mulher na sociedade indiana sempre foi um assunto controvertido, as representações ocidentais sempre enfatizaram a situação de total submissão da mulher hindu e as informações que nos chegam sobre auto-imolação de viúvas (Sati), assassinato de mulheres casadas motivados por desacordos a respeito do dote (Dowry), e casamento de crianças (Bal Vivaaha) demonstram a persistência de práticas que reforçam a imagem de opressão a qual as mulheres hindus estão submetidas.

* Mestranda do Programa Memória: Linguagem e Sociedade - UESB. Bolsista FAPESB. E-mail: carla.marson@hotmail.com.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Todas as práticas supracitadas são proibidas por lei, no entanto continuam ocorrendo, ainda que raramente, devido em grande parte à força das tradições religiosas presentes na memória popular. A fim de compreendermos um pouco este processo é necessário que façamos uma pequena retrospectiva sobre a posição da mulher nos diversos momentos da História da Índia.

A primeira evidência direta de civilização na Índia vem das escavações do Vale do Indu. A data desta civilização foi estabelecida provisoriamente em 3000-2500 D.C.(PANIKKAR, 1963, p. 4).

Trata-se de uma civilização urbana e altamente desenvolvida, com cidades planejadas, sofisticado sistema de canalização, edificações de tijolos de até quatro pavimentos e indícios de intensa atividade comercial com a Mesopotâmia. Suas ruínas foram descobertas em 1921 por John Marshall, mas a sua escrita, lamentavelmente, não foi decifrada até os dias de hoje. Apesar de não termos acesso às fontes escritas, os achados arqueológicos nos fornecem algumas informações valiosas. Foram encontrados inúmeros selos e estátuas de indivíduos com traços negróides, imagens semelhantes as do deus hindu Shiva, estátuas de uma deusa-mãe, o touro, o elefante, símbolos fálicos e outros elementos comuns à posterior religião Hindu. Segundo o próprio Marshall: “Há bastante em fragmentos recuperados por nós para demonstrar que a religião do povo do Vale do Indu é a progenitora linear do Hinduísmo” (PANIKKAR, 1963, p.5).

Entre os achados, um nos interessa em especial; a estátua de uma jovem negra, dançando nua, trazendo apenas pulseiras e ornamentos e com uma postura corporal totalmente livre e autoconfiante que nos lembra as mulheres pintadas nos afrescos de Creta. Suas feições são, como em grande parte dos esqueletos encontrados no local, semelhantes a dos aborígenes australianos: “cor de pele escura, cabelos negros ondulados ou encaracolados, nariz largo, lábios salientes, esse tipo físico forma o principal elemento das tribos aborígenes do sul e centro da

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Índia de hoje, bem como constitui amplamente as chamadas 'castas excluídas' da sociedade hindu." (CAMPBELL, 1962).

Os vestígios são insuficientes para traçarmos um quadro sobre a posição da mulher na sociedade do Vale do Indu, mas podemos inferir que, como é comum em sociedades agrárias, a presença de divindades femininas aponte para uma relevância do feminino pelo menos no âmbito religioso.

A civilização do Vale do Indu desapareceu misteriosamente, estudos recentes consideram que as cidades tenham sido abandonadas devido a mudanças climáticas. Sua população não deve ter sido destruída, pois muitas de suas idéias religiosas reaparecem em momentos posteriores da história indiana, possivelmente preservadas por transmissão oral da memória popular.

Atualmente as populações de pele mais escura que pertencem ao tronco lingüístico dravídico vivem principalmente nas florestas do sul da Índia. A primeira constituição indiana chama esses povos de Adivasi (povo original), hoje a nomenclatura política os denomina "Schedule tribes", tribos remanescentes. Ao lado dos dalits, os adivasis situam-se entre os grupos sociais mais pobres da Índia. Sua organização social é freqüentemente matriarcal e sua religiosidade se diferencia do hinduísmo bramânico ao incluir um grande número de divindades femininas independentes, culto aos espíritos da natureza, transe, xamanismo e ausência tanto de teologia quanto de casta sacerdotal.

Por volta de 1500 a.C ondas migratórias vindas do Iran começaram a penetrar o nordeste da Índia; os chamados povos Arias eram formados por pastores nômades que falavam o sânscrito, cultuavam deuses masculinos e guerreiros e mantinham uma sociedade patriarcal. Os Aryas produziram alguns dos mais antigos documentos religiosos da história da humanidade: Os Vedas, um conjunto de hinos laudatórios e prescrições rituais que são até hoje considerados cânones sagrados do hinduísmo.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Não se sabe ao certo como foi a recepção destes imigrantes por parte das populações do Vale do Indu, porém no primeiro dos Vedas encontramos alguns indícios de conflito religioso entre os Aryas e os nativos: “Não deixemos que aqueles que adoram o falo como uma divindade penetrem em nosso santuário”(RIG VEDA VII. p.25-5).

Para Max Weber, o culto fálico ao Shiva Lingam feito para garantir a fertilidade da terra é muito antigo na Índia. Enquanto as divindades femininas haviam sido extremamente importantes para as crenças populares dos povos asiáticos antigos e modernos, nos vedas elas são eclipsadas como demônios da fertilidade de primitivos cultos orgiásticos. (WEBER, 1958 p. 138)

Muitos dos hinos védicos são destinados a pedir aos deuses vitórias em batalhas contra os nativos. Porém à medida que os Aryas vão conquistando e penetrando no território indiano os elementos religiosos vão se misturando num processo de síntese cultural que dá origem ao Hinduísmo. Algumas divindades védicas desaparecem completamente, outras são substituídas por deuses nativos. Segundo K. M Panikkar, os Vedas mais recentes passam a mencionar a Deusa-Mãe evidenciando a influência da religião indígena. Muitos santos (rishis) passaram a ser referenciados pelo nome de suas mães. Como a sociedade ariana era patriarcal este método de identificação pode indicar talvez a influência do sistema matriarcal. (PANIKKAR, 1963 p.8)

A despeito de a sociedade védica possuir uma organização patriarcal a mulher possuía uma situação relativamente privilegiada se comparada com outras sociedades do mesmo período. As meninas recebiam uma educação igual á dos meninos, o que era considerado importante para um bom casamento. Até o séc. III a.C as meninas ainda participavam do ritual de segundo nascimento por meio do recebimento do cinto sagrado (Upananayana).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

As mulheres estudavam literatura e algumas, como Nivavari, Lopamudra e Ghosha, foram autoras de hinos Védicos. O Brihad Arankaya Upanishadis, um comentário filosófico aos Vedas, menciona a erudita Gargi como uma grande debatedora.

A sociedade védica era organizada em torno do ritual, os brâmanes formavam a casta mais alta justamente por dominar o conhecimento técnico dos procedimentos rituais. A posse deste conhecimento era considerada o bem mais poderoso e assim, mesmo os reis estavam abaixo dos brahmanes na sociedade de casta (Varna). As Mulheres eram figuras indispensáveis à realização dos rituais tanto como participantes quanto como oficiantes. (ALTEKAR, 1959, p.10)

Os Vedas não mencionam casamentos de crianças, dotes da noiva nem imolação das viúvas. Mesmo o sistema de castas era neste período mais flexível, comportando casamentos exogâmicos e livre escolha de atividades profissionais. Há indícios de que rapazes e moças podiam escolher mais livremente seus cônjugues (D.N. JHA 1981 p.17)

A partir de 600 a.C grandes mudanças ocorreram na sociedade indiana. O poder dos brâmanes foi desafiado por movimentos de livres-pensadores praticantes de diversas formas de ascetismo.

Estes filósofos errantes (Schramanas) viajavam por toda a Índia e também fora dela, transmitindo um conhecimento espiritual obtido por meio de introspecção individual e não da memorização de fórmulas rituais como era próprio da religião védica.

Os Upanishadis produzidos no séc. VIII a.C foram os primeiros textos a abordarem a iluminação como resultado de uma busca espiritual acessível a qualquer indivíduo independente de casta, sexo, etnia. Até então a espiritualidade era um monopólio dos brahmanes, únicos conhecedores dos rituais. Os gregos chamavam estes filósofos errantes de Ginosofistas.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O Budismo nasce deste movimento; Sidarta Gautama foi um jovem descendente da casta de governantes e guerreiros (Kshatriyas) que renunciou aos deveres familiares para desenvolver uma doutrina de cessação do sofrimento através da liberação espiritual (Nirvana).

Por volta de 264 a.C. O imperador Ashoka, da dinastia Maurya converteu-se ao budismo e passou o resto de sua vida dedicado a promover a nova fé; libertou prisioneiros, estimulou a educação e o bem estar do povo e abdicou da violência que lhe foi característica até a conversão. O Budismo tornou-se a forma predominante de hinduísmo em todo o norte da Índia.

O poder das famílias bramânicas ficou muito abalado, especialmente porque o bramanismo havia sido baseado na aliança entre os sacerdotes e os clãs guerreiros. O brâmane tinha sua posição garantida na corte do rei, recebia honrarias e proteção e em troca dava legitimidade religiosa ao governante.

A organização da sociedade (varnashrama) descrita nos vedas correlaciona quatro camadas sociais hereditárias (varnas) a quatro estágios de vida (ashramas). As quatro camadas são:

A dos sacerdotes (brahmanes), guerreiros (Kshatriyas) Comerciantes (Vayshas) e Servos (Shudras) e os estágios da vida são:

Estudo em celibato (brahmacari), Vida familiar (ghrastha), Retiro (Vanaprastha), Renúncia (Sannyasi)

Dentro desta estrutura os movimentos religiosos como o budismo eram heréticos, pois dispensavam os indivíduos do cumprimento de suas obrigações rituais (Dharma) sem o qual, segundo os vedas, a ordem do mundo (Rta) estaria em perigo.

Além disto, a invasão da Índia por Alexandre em 326 a.C teve um forte impacto na sociedade arya. Os gregos trouxeram consigo suas idéias religiosas; a prática da iconografia religiosa é uma das assimilações culturais vindas da Grécia,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mas trouxeram também seus costumes, dentre eles o hábito de abordar livremente as mulheres.

A defesa da pureza do sangue é um ethos fundamental da sociedade védica, as relações sexuais com os estrangeiros ameaçavam toda a ordem social, pois marido e mulher eram conjuntamente responsáveis pela manutenção dos rituais aos antepassados, pela transmissão hereditária dos vedas e por outros deveres sociais próprios de suas respectivas castas. Como podemos ver, os alicerces da sociedade hindu estavam recebendo abalos de várias direções.

A Canção do Senhor (Bhagavat Gita) é uma narrativa que sintetiza a doutrina bramânica com a filosofia do Yoga de Patanjali e os antigos relatos orais da devoção popular ao contar o encontro do herói Khrisna (o negro) com príncipe Arjuna. A interferência dos brâmanes é facilmente reconhecida na seguinte passagem:

Onde reina a impiedade, corrompem-se também as mulheres nobres, e onde a mulher está corrompida, desaparece a pureza do sangue. A adulteração do sangue é precursora do esquecimento dos ritos devidos aos antepassados, e estes [...] sendo privados dos sacrifícios de que se sustentam, caem das alturas celestes. (BHAGAVAD GITA I. p.41-42).

A reação dos brâmanes às ameaças internas e externas tomou a forma de um recrudescimento das normas sociais através da produção de documentos jurídico-religiosos de cunho prescritivo que causaram uma ruptura no rumo das relações sociais indianas.

Para compreendermos o status destas escrituras é preciso distinguir os dois principais tipos de fonte canônica do hinduísmo: O Sruti e o Smirit, respectivamente “o ouvido” e “o lembrado”.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O ouvido refere-se ao conhecimento eterno que teria sido revelado diretamente aos santos (rishis) e transmitido às gerações, desde tempos imemoriais, através do zelo mnemônico das famílias bramânicas. A literatura Sruti é, portanto, considerada como portadora de uma autoridade incontestável enquanto verdade revelada. Os Vedas se incluem nesta categoria.

Já o lembrado é produto da reflexão dos eruditos, profetas e poetas situados no tempo secular, nesta categoria estão os épicos, guias rituais para famílias, poesias, mitos populares e textos legais. A autoridade dos Smirit está em sistematizar a aplicabilidade dos princípios religiosos gerais à vida concreta por meio de leis, normas, modelos e exemplos.

Os brâmanes pretendiam proteger a cultura védica, para isso era necessário controlar os nascimentos e um dos meios encontrados por eles foi o controle das mulheres. A partir do séc. II a.C as regras sociais tornaram-se cada vez mais rígidas. O bramanismo assumiu mais e mais o discurso de superioridade do homem sobre a mulher.

Kautilya, primeiro ministro da dinastia Maurya e autor do tratado de ciência política Arthashastra dedicou vários capítulos de seu livro à definição dos deveres da mulher. O casamento de pré-adolescentes é estimulado e as mulheres são orientadas a permanecer dentro de casa sob pena de multa em caso de desobediência (INDRA, 1958). Muitas das medidas adotadas nas literaturas smiriti possuem um tom paternalista; a mulher deve ser tratada com benevolência, mas mantida sob controle, pois não é sensata ou confiável.

O Manu Smirit ou Leis de Manu do séc. II a. C é considerado um dos mais influentes livros da literatura Smirit dedicado a reforçar a ortodoxia bramânica, estabelecer regras de conduta familiar e delinear as separações e obrigações de casta. Vejamos algumas de suas prescrições: “Um Brâmane que se case com uma



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mulher Sudra irá para o inferno; se tiver um filho com ela perderá seu status de brâmane” (MANU SMIRIT III. p.17)

Dia e noite a mulher deve estar sob a dependência dos homens de sua família, as que se apegam a prazeres sensuais devem ficar sob controle... Seu pai a protege na infância, o esposo na juventude e seus filhos na velhice. Uma mulher nunca deve ser independente (MANU SMIRIT IX. p.2-3)

Apesar de não possuir a mesma autoridade dos Vedas e nem ter sido aceito de forma homogênea em todo território indiano o Manu Smirit teve uma influência considerável na desconstrução dos direitos e do status das mulheres na sociedade hindu. Os colonizadores ingleses que buscavam conhecer a cultura indiana a fim de facilitar sua administração contatavam os brâmanes já que estes formavam a parcela mais educada da população e foi assim que em 1794 o Manu Smirit foi traduzido por Sir William Jones, Juiz da Suprema Corte de Calcutá, com o nome de “Leis” de Manu quando a tradução mais precisa seria algo semelhante a “Memórias” de Manu. Ao traduzi-lo por lei Jones lhe atribui um teor de autoridade maior do que ele pode ter tido na prática.

A partir do séc. VIII a.C. a Índia foi penetrada por invasores islâmicos vindos da Turquia, Afeganistão e Pérsia. Novas idéias se inserem no cenário religioso da Índia; O sistema religioso do Islam. é essencialmente igualitário, pois todos os homens são iguais diante de Allah. A natural rejeição mulçumana ao sistema de castas e a crença em um único Deus paternal e protetor provocou um grande impacto na cultura indiana. (KABIR, 1946).

Os valores religiosos islâmicos ao se misturarem com o hinduísmo originaram os movimentos devocionais da Idade Média onde todos os deuses seriam manifestações de um único Deus alcançável através da devoção (Bhakti). Uma nova síntese religiosa estava surgindo. O movimento Bhakti não era só aberto



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

à todas as castas como também àqueles que não eram filósofos, pois era através do amor e não do conhecimento (Jnana) que o devoto se une ao divino.

Como prática espontânea a devoção já existia há muito tempo, mas tomou contornos filosóficos mais definidos ao manifestar-se como uma resistência à intolerância dos grupos islâmicos que tentavam coibir as manifestações da religiosidade hindu. É possível identificar também muitos elementos do cristianismo, pois o Deus agora é um salvador que vem a terra para libertar os homens do sofrimento.

A idade média foi um período particularmente difícil para a mulher indiana; os mulçumanos praticavam a poligamia, o casamento de crianças estava na ordem do dia, o sistema de Dowry foi degradado; inicialmente os parentes da noiva a presenteavam com jóias, gado e outros bens que se destinavam a assegurar sua subsistência em caso viuvez. Posteriormente o marido passou a apropriar-se do dote e a exigí-lo como um preço para o casamento. Esta alteração foi decorrência da extrema rigidez nas regras de casamento entre castas. Tornou-se tão difícil e caro para os pais casarem uma filha, especialmente nas castas mais altas, que o nascimento de meninas era visto como uma infelicidade o que em alguns casos dava origem a infanticídios.

As guerras deixavam muitas viúvas, grande parte delas muito jovens, a auto-imolação das viúvas passou a ser encorajada sob a ideologia de Sati, a esposa fiel que segue seu marido mesmo na morte. É preciso acentuar que nenhum movimento religioso indiano jamais sustentou esta prática, na verdade fatores sócio-econômicos levaram a essa interpretação de mitos indianos. O Sati era geralmente promovido pelos parentes masculinos do marido para evitar que a viúva se envolvesse com outros homens. As escrituras religiosas ao contrário, condenavam a prática. Segundo um documento da época: “Toda mulher oh Deusa é tua própria forma, teu corpo envolto no universo, e assim se em sua ilusão uma



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mulher se suicida na pira funerária de seu marido comete um pecado e deveria ser condenada” (MAHANIRVANATANTRA, p.10.80).

O culto às divindades femininas fortes e independentes ganhou forma a partir do séc. V d.C. Um novo contorno foi adicionado à Bhakti Medieval o que abriu caminhos para um restabelecimento do papel feminino pelo menos no âmbito religioso, especialmente com os movimentos pela independência da Índia.

A prática de Sati foi criminalizada em 1829, por Lord Bentinck, governador geral da Índia, em suporte a um movimento liderado por Raja Rammohan Roy. A abolição do Sati foi ratificada pela constituição indiana logo após a independência.

Como pudemos observar a situação da mulher na sociedade indiana é um produto de fatores tanto religiosos quanto sócio-econômicos. Seu status variou de acordo com a época, as relações de poder, os interesses políticos e étnicos. A pluralidade de culturas que penetraram a Índia, pacificamente ou não, gerou a necessidade de sínteses e readaptações que fizeram deste país um amálgama de vários povos, idéias e religiosidades. Assim como os nativos e os dalits, a mulher indiana teve seu destino manipulado pelas lutas de poder, sua trajetória se insere na de outros grupos excluídos e suas manifestações de resistência não devem ser ignoradas pela História.

Utilizamos a ortografia brasileira para Os Veda, Os Upanishad e Brahmanes

REFERÊNCIAS

ALTEKAR, A.S. **The position of Women in Hindu Civilization**. New Delhi: Motilal Banarsidass 1991, 378 p

Bhagavad Gita A Mensagem do Mestre. Tradução Francisco Valdomiro Lorenz. São Paulo: Pensamento, 2001 168 p.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

_____. **The Laws of Manu**. Translation George Bühler. Sacred Books Of The East. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/sbe/index.htm>>.

CAMPBELL, Joseph. **Mythologie des Ostens** Die Masken Gottes Band 2. München: Deutscher Taschen Buch Verlag 1996, 656p.

KABIR, Humayun. **The India Heritage**. Bombay: Ashing Publishing House, 1946

PANIKKAR, K.M. **A Survey of Indian History**. Bombay: Asia Publishing House, 1963

WEBER, Max. **The Religion of India** The Sociology of Hinduism and Buddhism Translation by Hans H. Gerth and Don Martindale. Glencoe: The Free Press.1958 392p.